

Dissertação sobre a política dos romanos na religião¹

Lido na Academia de Bordeaux em 18 de junho de 1716

Charles Louis de Secondat, barão de La Brède e de Montesquieu

Tradução: Igor Moraes Santos²

Não foi nem o medo nem a piedade que instituiu a religião entre os romanos, mas a necessidade em que se encontram todas as sociedades de terem uma. Os primeiros reis não foram menos atentos em regular o culto e as cerimônias do que em dar leis e construir muralhas.

Observo essa diferença entre os legisladores romanos e os de outros povos: que os primeiros fizeram a religião para o estado, e os outros o estado para a religião. Rômulo, Tácio e Numa³ escravizaram os deuses à política: o culto e as cerimônias que instituíram foram considerados tão sábios que, quando os reis foram expulsos, o jugo da religião foi a única coisa de que o povo, em seu furor pela liberdade, não ousou se livrar.

Quando os legisladores romanos instituíram a religião, não pensaram na reforma dos costumes, nem em dar princípios de moral; eles não queriam absolutamente perturbar pessoas que não conheciam ainda as obrigações [de uma sociedade na qual acabaram de entrar]⁴. Eles tinham, então, apenas um objetivo geral, que era inspirar em um povo, que não temia nada, o medo dos deuses, e servir-se desse medo para conduzi-lo a seu capricho.

Os sucessores de Numa não ousaram fazer o que esse príncipe não havia feito: o povo, que tinha perdido muito de sua ferocidade e de sua rudeza, tornara-se capaz de uma

¹ MONTESQUIEU, Charles-Louis de Secondat, Baron de La Brède e de. “Dissertation sur la politique des Romains dans la religion”. In: *Oeuvres*. Paris: Plassan, Bernard, et Grégoire, 1796, t. IV, p. 193-207. A presente tradução foi embasada na edição na qual o texto foi publicado pela primeira vez. No entanto, consultou-se também edições contemporâneas das obras completas de Montesquieu, que apresentam algumas diferenças de grafia e de redação, além de breves trechos adicionais, ao reproduzirem fielmente o manuscrito original. Por esse motivo, optou-se por acrescentar as variações, sempre indicando-as. Ademais, cotejou-se com a tradução italiana. Cf. *Oeuvres complètes*. Ed. Édouard Laboulaye. Paris: Garnier, 1876, t. II; *Scritti postumi* (1757-2006). A cura di Domenico Felice. Ed. bilingue. Firenze; Milano: Bompiani, 2017; *Oeuvres complètes*. Tome 8: Oeuvres et écrits divers I. Sous la direction de de Pierre Rézat. Oxford: Voltaire Foundation; Napoli: Instituto Italiano per gli Studi Filosofici, 2003. Acréscimos e traduções às notas originais estão em colchetes e sinalizadas pela abreviação [N.T.]

² Doutorando em Filosofia do Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais.

³ Rômulo e Numa Pompílio foram os dois primeiros reis de Roma. Tito Tácio, por sua vez, foi rei dos sabinos e considerado por uma certa tradição como governante de Roma junto com Rômulo, após a integração dos sabinos com os romanos. Entretanto, não é elencado entre os sete reis de Roma. Sobre o reinado dos três citados, ver as principais fontes históricas: DIONÍSIO DE HALICARNASSO. *Rhōmaiike arkhaiologia* II, 2 *et seq.* Cf. *Historia Antiqua de Roma*. Libros I-III. Trad. Elvira Jiménez e Ester Sánchez. Madrid: Gredos, 1984, p. 160 *et seq.*; PLUTARCO. *Vida de Rômulo* 17-24. Cf. *Vite*. A cura di Antonio Traglia. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1992, v. I, p. 182-201; TÁCITO. *Annales* I, 54. Cf. *Annali*. Trad. Enrico Oddone. A cura di Matilde Caltabiano. Milano: Rusconi, 1978, p. 82-83; TITO LÍVIO. *Ab urbe condita* I, 10-24. Cf. *Storie*. A cura di Luciano Perelli. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1974, v. I, p. 140-177. [N.T.]

⁴ Variação já indicada em rodapé na primeira edição. Por isso, optou-se por incluí-la desde logo no corpo do texto. [N.T.]

maior disciplina⁵. Teria sido fácil acrescentar às cerimônias da religião princípios e regras de moral que lhe faltavam, mas os legisladores dos romanos⁶ eram muito clarividentes para não saberem quão perigosa seria uma similar reforma: seria como admitir que a religião era defeituosa, como dar-lhe idade e debilitar sua autoridade quando se queria consolidá-la. A sabedoria dos romanos fê-los tomar um melhor caminho ao estabelecer novas leis. As instituições humanas bem podiam mudar, mas as divinas deveriam ser imutáveis como os próprios deuses.

Assim, o senado de Roma, tendo encarregado o pretor Petílio⁷ de examinar os escritos do rei Numa, que tinham sido encontrados em um baú de pedra, quatrocentos anos após a morte desse rei, resolveu queimá-los, a partir do relatório que lhe fez esse pretor de que as cerimônias que estavam ordenadas nesses escritos diferiam muito daquelas que se praticavam então; isso podia fazer nascer escrúpulos no espírito das pessoas simples, e fazer-lhes ver que o culto prescrito não era o mesmo que aquele instituído pelos primeiros legisladores e inspirado pela ninfa Egéria.

Levou-se a prudência mais longe: não se podia ler os livros sibilinos sem a permissão do senado, que somente a dava nas grandes ocasiões e quando se tratava de consolar o povo. Todas as interpretações foram proibidas. Esses próprios livros eram sempre trancados; e, por uma precaução muito sábia, retirou-se as armas das mãos dos fanáticos e dos sediciosos.

Os adivinhos não podiam nada pronunciar sobre os assuntos públicos sem a permissão dos magistrados; a sua arte estava completamente subordinada à vontade do senado; e isso fora assim ordenado pelos livros dos pontífices, dos quais Cícero nos conservou alguns fragmentos⁸.

Políbio coloca a superstição entre as vantagens que o povo romano tinha sobre os outros povos. O que parece ridículo aos sábios é necessário para os tolos; e esse povo, que se coloca tão facilmente em cólera, tem a necessidade de ser contido por uma força invisível.

⁵ Nesse sentido, ver a famosa passagem de TITO LÍVIO. *Ab urbe condita* I, 19, 1-2. Cf. *Storie*. A cura di Luciano Perelli. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1974, v. I, p. 162-163: “*Qui regno ita potitus urbem novam, conditam vi et armis, iure eam legibusque ac moribus de integro condere parat. Quibus cum inter bella adsuescere videret non posse, quippe efferari militia animos, mitigandum ferocem popululum armorum desuetudine ratus [...]*”. No mesmo sentido, PLUTARCO. *Vida de Numa* 8,1-4; 15, 1. Cf. *Vite*. A cura di Angelo Meriani e Rosa Giannattasio Andria. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1998, v. VI, p. 144-145; 166-167; VALÉRIO MÁXIMO. *Facta et dicta memorabilia* I, 2, 1. Cf. *Hechos y dichos memorables*: Libro Primero. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires, 2014, p. 120-121; e a interpretação moderna de MAQUIAVEL. *Discorsi sopra la prima deca di Tito Livio* I, 11. Cf. *Tutte le opere*. Firenze: Bompiani, 2018, p. 345-348. [N.T.]

⁶ Variação: “*mais les Romains*” (Mas os romanos...) [N.T.]

⁷ Tito Lívio, liv. XL, cap. XXIX. [TITO LÍVIO. *Ab urbe condita* XL, 29. Cf. *Storie*. A cura di Alessandro Ronconi e Barbara Scardigli. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1999, v. VI, p. 742-745. Na mesma obra, há referência aos cultos inspirados pela ninfa Egéria, vide I, 19, 5. Cf. *Storie*. A cura di Luciano Perelli. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1974, v. I, p. 162-163. Também em VALÉRIO MÁXIMO. *Facta et dicta memorabilia* I, 2, 1. Cf. *Hechos y dichos memorables*: Libro Primero. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires, 2014, p. 120-121. – N.T.]

⁸ De Leg. Liv.II: *Bella disceptant: prodigia, portenta, ad Etruscos et aruspices, si senatus iusserit, deferunt*. E em um outro lugar: *Sacerdotum genera duo sunt: unum, quod praesit ceremoniis et sacris, alterum, quod interpretetur fatidicorum et vatium ecfata incognita, cum senatus populusque adsciverit*. [Trata-se de reproduções muito livres de duas passagens do *De legibus* de Cícero, respectivamente II, 21: “Discutindo sobre a guerra: os prodígios e os portentos são deferidos, se o senado o ordena, aos etruscos e aos arúspices”; e II, 20: “São dois os gêneros de sacerdotes: um que preside as cerimônias e os sacrifícios, outro que interpreta as respostas incompreensíveis dos advinhadores e dos vaticinadores, quando o senado e o povo o reconhecem” (traduções nossas). No original, Cícero menciona três tipos de sacerdotes, incluindo os áugures públicos intérpretes de Júpiter Ótimo Máximo. Cf. *Las Leyes*. Trad. Alvaro D’Ors. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1953, p. 134-137 – N.T.]

Os áugures e os arúspices eram propriamente os aspectos grotescos do paganismo, mas não os acharemos ridículos se refletirmos que, em uma religião muito popular como aquela, nada parecia extravagante⁹. A credulidade do povo reparava tudo entre os romanos. Mais uma coisa era contrária à razão humana, mais ela lhes parecia divina. Uma verdade simples não lhes teria vivamente tocado: eles precisavam de matérias de admiração, precisavam de sinais da divindade, e os encontravam apenas no maravilhoso e no ridículo.

Era, na verdade, uma coisa muito extravagante fazer a saúde da república depender do apetite sagrado de um frango e da disposição das entranhas das vítimas; mas aqueles que introduziram essas cerimônias conheciam bem o forte e o fraco, e foi apenas por boas razões que pecaram contra a própria razão. Se esse culto tivesse sido mais razoável, as pessoas de espírito não teriam sido enganadas, assim como o povo, e com isso se teria perdido toda a vantagem que se podia esperar dele. Precisava-se, portanto, de cerimônias que pudessem alimentar a superstição de uns e ser útil à política de outros¹⁰: eis o que se encontrou nas adivinhações. Colocava-se os decretos do céu na boca dos principais senadores¹¹, pessoas esclarecidas, e que conheciam também o ridículo e a utilidade das adivinhações.

Cícero diz¹² que Fábio, sendo áugure, tinha por regra que aquilo que era vantajoso à república se fazia sempre sob bons auspícios. Ele pensa, como Marcelo¹³, que¹⁴, conquanto a credulidade popular tenha estabelecido no começo os augúrios, manteve-se seu uso para a utilidade da república; e ele coloca essa diferença entre os romanos e os estrangeiros, que estes serviam-se deles indiferentemente em todas as ocasiões, e aqueles somente nos assuntos que concerniam ao interesse público. Cícero nos ensina¹⁵ que o raio que caía no lado esquerdo era um bom augúrio, exceto nas assembleias do povo, *præterquam ad comitia*. As regras da arte cessavam naquela ocasião: os magistrados ali julgavam ao seu capricho a bondade dos auspícios, e esses auspícios eram rédeas¹⁶ com as quais eles conduziam o povo. Cícero adiciona: *Hoc institutum reipublicæ causa est, ut comitiorum, vel in jure legum, vel in judiciis populi, vel in creandis magistratibus, principes civitatis essent interpretes*¹⁷. Ele dissera antes que se lia

⁹ Variação: “*il ni avoit rien d'extravagant*” (não havia nada extravagante) [N.T.]

¹⁰ No original, “*entrer dans la politique des autres*”. Para assegurar a clareza, alinha-se à tradução italiana deste trecho. [N.T.]

¹¹ No original: “*On y mettoit les arrêts du ciel dans la bouche des principaux sénateurs*”. Na tradução italiana, menos literal, a passagem foi assim reescrita, tornando-se mais esclarecedora: “os decretos do céu eram transmitidos pela boca dos principais senadores”. [N.T.]

¹² *Optimis auspiciis ea geri quæ pro reipublicæ salute gererentur; quæ contra rempublicam fierent, contra auspicia fieri*. (De Senectute, cap. IV) [No original ciceroniano, o final é “*quæ contra rem publicam ferrentur contra auspicia fieri*”. In: CÍCERO. *De senectute* IV, 11. Cf. *Opere politiche e filosofiche*. A cura di Domenico Lassandro e Giuseppe Minunco. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 2007, v. III, p. 446-447: “são conduzidas sob os melhores auspícios as ações realizadas para a saúde da república; aquelas, ao contrário, feitas contra a república, eram feitas contra os auspícios”. – N.T.]

¹³ *De Divinatione*.

¹⁴ Variação: “*Le meme dit qu'il est de l'opinion de Marcus, qui disoit...*” (O mesmo diz que ele é da opinião de Marcelo, que dizia...) [N.T.]

¹⁵ *De Divinatione*, liv. II. [CÍCERO. *De divinatione* II, 35, 74. Cf. *Sobre la adivinación. Sobre el destino. Timeo*. Trad. Ángel Escobar. Madrid: Gredos, 1999, p. 212 – N.T.]

¹⁶ Montesquieu escreve “*une bride*”, em referência ao equipamento utilizado para se montar o cavalo. Uma conversão técnica rigorosa poderia optar por “um bridão” ou, ainda, “um freno”, mas, considerando os sentidos almejados pelo autor, opta-se por traduzir por “rédeas”, mais recorrente para manifestar tal ideia. [N.T.]

¹⁷ “Esse último foi instituído para o bem da república, para que os cidadãos principais fossem os intérpretes dos comícios, seja na votação das leis, seja nos julgamentos do povo, seja na eleição dos magistrados”. In: CÍCERO. *De divinatione* II, 35, 74. Cf. *Sobre la adivinación. Sobre el destino. Timeo*. Trad. Ángel Escobar. Madrid: Gredos, 1999, p. 212. [N.T.]

nos livros sacros: *Jove tonante et fulgurante, comitia populi habere nefas esse*¹⁸. Isso foi introduzido, diz ele, para fornecer aos magistrados um pretexto para dissolver as assembleias do povo¹⁹. De resto, era indiferente que, na vítima que se imolava, se encontrasse bom ou mau augúrio: pois, quando não se ficava contente com a primeira, imolava-se uma segunda, uma terceira, uma quarta, que eram chamadas *hostiae succedaneae*²⁰. Paulo Emílio, querendo sacrificar, foi obrigado a imolar²¹ vinte vítimas: os deuses somente foram aplacados com a última, na qual se encontrou os sinais que prometiam a vitória²². É por isso que se tinha o costume de dizer que, nos sacrifícios, as últimas vítimas eram sempre melhores do que as primeiras. César não foi tão paciente quanto Paulo Emílio: tendo degolado numerosas vítimas, diz Suetônio²³, sem encontrar alguma favorável, ele deixou os altares com desprezo e entrou no senado.

Como os magistrados eram mestres dos presságios, eles tinham um meio certo para desviar o povo de uma guerra que teria sido funesta ou para fazê-lo empreender uma que poderia ser útil. Os adivinhos, que seguiam sempre os exércitos, e que eram intérpretes mais do general do que dos deuses, inspiravam confiança aos soldados. Se por azar algum mau presságio apavorasse o exército, um hábil general convertê-lo-ia os sentidos e torná-lo-ia favorável. Assim Cipião, que caiu ao saltar de seu navio na costa da África, tomou a terra em suas mãos: “Eu te tenho”, disse, “ó terra da África!”²⁴. E por essas palavras ele tornou feliz um presságio que tinha parecido tão funesto.

Os sicilianos, tendo embarcado para fazer uma expedição na África, ficaram tão apavorados com um eclipse do sol que ficaram a ponto de abandonar o seu empreendimento; mas o general explicou a eles “que, na verdade, esse eclipse teria sido um mau augúrio se tivesse aparecido antes do embarque, mas que, tendo aparecido apenas depois, ele somente poderia atemorizar os africanos”. Desse modo, fez cessar o susto deles, e encontrou, em um motivo de medo, o meio para aumentar a sua coragem.

César foi advertido várias vezes pelos adivinhos a não passar pela África antes do inverno. Ele não os escutou e, assim, preveniu seus inimigos, que, sem essa prontidão, teriam tido tempo de reunir suas forças.

¹⁸ “Quando Jove troveja e fulmina, é proibido haver os comícios do povo”. In: CÍCERO. *De divinatione* II, 18, 42. Cf. *Sobre la adivinación. Sobre el destino. Timeo*. Trad. Ángel Escobar. Madrid: Gredos, 1999, p. 187. [N.T.]

¹⁹ *Hoc reipublicae causa constitutum; comitorum enim non habendorum causas esse voluerunt*. (De Divinat.). [“Isso foi estabelecido no interesse da república; queriam, com efeito, causas para não haver os comícios.” In: *De divinatione* II, 18, 43. Cf. *Sobre la adivinación. Sobre el destino. Timeo*. Trad. Ángel Escobar. Madrid: Gredos, 1999, p. 188. O texto original é ligeiramente distinto: “*Hoc fortasse rei publicae causa constitutum est; comitorum enim non habendorum causas esse voluerunt*”. – N.T.]

²⁰ “Vítimas sucedâneas” [N.T.]

²¹ Variação: “*dégorgere*” (“degolar”) [N.T.]

²² Vide PLUTARCO. *Vida de Emílio Paulo* 17, 11. Cf. *Vite*. A cura di Maria Luisa Amerio e Domenica Paola Orsi. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1998, v. III, p. 568-569. [N.T.]

²³ *Pluribus hostiis caesis, cum litare non posset, introiit curiam, spreto religione*. (In Jul. Ceas. cap. LXXXI.) [“Tendo sacrificado muitas vítimas, sem obter presságios favoráveis, entrou no senado, desprezando o escrúpulo religioso”. In: SUETÔNIO. *Vitae Caesarum, Divus Iulius* 81. Cf. *Lives of the Caesars*. Trad. Catharine Edwards. Oxford: Oxford University Press, 2008, p. 38. – N.T.]

²⁴ IANUARIUS NEPOTIANUS. *Epitoma librorum Valerii Maximi* VII, 3. Cf. JANUARIUS NEPOTIANI. *Epitoma librorum Valerii Maximi*. Ed. Angelo Majo. Cellis: E. H. C. Schulze, 1831, p. 19: “*Scipio ut in africanam terram descendit, cecidit. Hoc factum pavente exercitu, exclamavit: teneo te, terra Africa; e vicat*.” (Cipião, ao descer na terra africana, cai. Porque o exército ficou espantado, exclama: “Tenho-te, terra da África”; e vence.) [N.T.]

Crasso, durante um sacrifício, tendo deixado cair sua faca das mãos, foi tomado como um mau augúrio; mas ele tranquilizou o povo dizendo-lhe: “Boa sorte! Ao menos a minha espada nunca me caiu das mãos.”²⁵

Lúculo, quando perto de iniciar batalha com Tigranes²⁶, vieram lhe dizer que esse era um dia infeliz: “Tanto melhor, disse ele, nós o tornaremos feliz com a nossa vitória.”²⁷

Tarquínio, o Soberbo, querendo instituir jogos em honra da deusa Mania, consultou o oráculo de Apolo, que respondeu obscuramente, e disse que ele precisaria sacrificar cabeças por cabeças, *capitibus pro capitibus supplicandum*. Esse príncipe, ainda mais cruel que supersticioso, fez imolar crianças; mas Júnio Bruto mudou esse sacrifício horrível; pois mandou fazê-lo com cabeças de alho e papoula, e assim cumpriu ou elidiu o oráculo²⁸⁻²⁹.

Cortava-se o nó górdio quando não se conseguia soltá-lo. Assim Cláudio Pulcro, querendo iniciar um combate naval, mandou jogar os frangos sagrados ao mar³⁰, a fim de fazer-lhes beber, disse ele, pois não queriam comer³¹.

É verdade que se punia às vezes um general por não ter seguido os presságios; e isso era mesmo um novo efeito da política dos romanos. Queriam demonstrar ao povo que os maus sucessos, as cidades tomadas, as batalhas perdidas, não eram o efeito de uma má constituição do estado, ou da fraqueza da república, mas da impiedade de um cidadão, contra quem os deuses estavam irritados. Com essa persuasão, não era difícil ganhar a confiança do povo; era preciso para tanto apenas algumas cerimônias e alguns sacrifícios. Assim, quando a cidade era ameaçada ou afligida por algum infortúnio, não se deixava de procurar a causa, que era sempre a cólera de algum deus cujo culto havia sido negligenciado: bastava, para garantir-se, fazer sacrifícios e procissões, purificar a cidade com tochas, enxofre e água salgada. Fazia-se a vítima contornar as muralhas antes de degolá-la, o que se chamava *sacrificium amburbium*, e *amburbiale*³². Chegava-se, às vezes, até mesmo a purificar os exércitos e as frotas, após o que cada um recuperava a coragem.

Cévola, pontífice máximo, e Varrão, um de seus grandes teólogos, diziam que era necessário que o povo ignorasse muitas coisas verdadeiras, e cresse em muitas falsas. Santo

²⁵ Cf. PLUTARCO. *Vida de Crasso* 19, 8. Cf. *Vite*. A cura di Domenico Magnino. Torino: Unione Tipografico Editrice Torinese, 1992, v. II, p. 306-307: “Ao fim, celebrou o costumeiro sacrifício de expiação, e quando o adivinho lhe passou as vísceras, estas lhe escaparam das mãos. Vendo os presentes estarecidos, ri e diz: “É a velhice. Mas nenhuma arma me escapa das mãos.” [N.T.]

²⁶ Trata-se da batalha de Tigranocerta, entre as forças romanas, lideradas pelo cônsul Lúcio Licínio Lúculo, e o exercício do reino da Armênia, liderado pelo rei Tigranes, o Grande, ocorrida em 6 de outubro de 69 a.C., no curso da Terceira Guerra Mitridática. Os romanos saíram vitoriosos, embora estivessem em número muito menor. [N.T.]

²⁷ Narrado em PLUTARCO. *Regnum et imperatorum apophthegmata*, 203A (Lucullus 1). Cf. *Tutti i Moralia*. Coord. Emanuele Lelli e Giuliano Pisani. Firenze: Bompiani, 2017, p. 372-373. [N.T.]

²⁸ Macrob. *Saturnal*. lib. I. [MACRÓBIO. *Saturnalia* I, 7, 34-35. Cf. *I Saturnali*. A cura di Nino Marinone. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1967, p. 158-161. – N.T.]

²⁹ Episódio lendário envolvendo o último rei de Roma, Tarquínio, o Soberbo, e Lúcio Júnio Bruto, considerando pela tradição como o fundador da República, ao expulsar o monarca após o suicídio de Lucrecia, e tendo sido um dos primeiros cônsules. [N.T.]

³⁰ Variação: “*dans l'eau*” (na água) [N.T.]

³¹ Val. Maxim. I, c. IV. [VALÉRIO MÁXIMO. *Facta et dicta memorabilia* I, 4, 3. Cf. *Hechos y dichos memorables*: Libro Primero. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires, 2014, p. 128-129. Também relatado em CÍCERO. *De natura deorum* II, 3, 7. Cf. *Sobre la naturaleza de los dioses*. Trad. Ángel Escobar. Madrid: Gredos, 1999, p. 168-169, que adiciona que isso teria custado a Júnio a própria vida. – N.T.]

³² “Sacrifício em torno da cidade” [N.T.]

Agostinho diz³³ que Varrão descobrira, com isso, todo o segredo dos políticos e dos ministros de estado.

O mesmo Cévola, segundo relato de santo Agostinho³⁴, dividia os deuses em três classes: aqueles que foram instituídos pelos poetas, aqueles que foram instituídos pelos filósofos, e aqueles que foram instituídos pelos magistrados, *a principibus civitatis*³⁵.

Aqueles que leem a história romana, e que são um pouco clarividentes, encontram em cada passo traços da política de que falamos³⁶. Assim, vemos Cícero, que em particular e entre seus amigos faz a cada momento uma confissão de incredulidade³⁷, falar³⁸ em público com um zelo extraordinário contra a impiedade de Verres. Vemos um Clódio, que insolentemente profanara os mistérios da boa deusa, e cuja impiedade fora marcada por vinte decretos do senado, fazer ele mesmo uma arenga repleta de zelo a esse senado que lhe havia derrubado, contra o desprezo das práticas antigas e da religião. Vemos um Salústio, o mais corrompido de todos os cidadãos, colocar na frente de suas obras um prefácio digno da gravidade e da austeridade de Catão³⁹. Eu nunca conseguiria, nem se quisesse, esgotar todos os exemplos.

Embora os magistrados não adotassem a religião do povo, não se deve crer que eles não tivessem nenhuma. Cudworth provou muito bem que esses que eram esclarecidos entre os pagãos adoravam uma divindade suprema, da qual as divindades do povo eram apenas uma participação⁴⁰. Os pagãos, muito pouco escrupulosos no culto, acreditavam que era indiferente adorar a própria divindade ou as manifestações da divindade; adorar, por exemplo, em Vênus, a potência passiva da natureza, ou a divindade suprema, enquanto suscetível de gerar tudo; cultuar o sol, ou o Ser supremo, enquanto anima as plantas e torna a terra fecunda por seu calor. Assim o estoico Balbo diz, em Cícero, “que Deus participa, por sua natureza, de todas as coisas daqui de baixo; que é Ceres sobre a terra, Netuno sobre

³³ *Totum consilium prodidit sapientum per quod civitates et populi regerentur.* (De Civit. Dei, lib. IV, cap. XXXI.) [“Revelou inteiramente o sistema com o que os autointitulados sábios podem governar a cidade e os povos.” Essa passagem, extraída de SANTO AGOSTINHO. *De civitate Dei* IV, 31, foi claramente modificada por Montesquieu, que removeu o termo “*velut*” (como se) e, assim, alterou o sentido final. Para evidenciar, vale recorrer ao trecho integral do original, segundo tradução autorizada: “Poder-se-ia julgar que o que digo são meras conjecturas minhas, se ele próprio, noutra passagem, ao falar das coisas verdadeiras de que é inútil instruir o povo, e também muitas que, embora falsas, é vantajoso para o povo tomá-las por verdadeiras. É por isso que os Gregos ocultavam atrás dos muros e no silêncio a celebração de suas iniciações e mistérios. Deixou aqui bem patente o que tramam os sabichões para o governo dos povos e das cidades.” Cf. *A cidade de Deus*. Trad. J. Dias Pereira. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, v. I, p. 449-450. – N.T.]

³⁴ *Ibidem*.

³⁵ “Pelos principais da cidade” [N.T.]

³⁶ Variação: “*que nous venons de marquer*” (que acabamos de destacar) [N.T.]

³⁷ *Adeone me delirare censes ut ista credam?* [Consideras-me tão louco para crer em tais fantasias? In: CÍCERO. *Tusculanae disputationes* I, 4, 10. Cf. *Disputationes tusculanas*. Trad. Alberto Medina González. Madrid: Gredos, 2005, p. 114. – N.T.)

³⁸ Variação: “*E on voit le meme Ciceron parler...*” (E vemos o mesmo Cícero falar...) [N.T.]

³⁹ Alusão às obras historiográficas de Salústio, *Bellum Catilinae* e *Bellum Iugurthinum*. [N.T.]

⁴⁰ Refere-se a CUDWORTH, Ralph. *The intellectual system of the universe*. London: Royston, 1678, I, 4. Um exemplar dessa edição era parte da biblioteca de Montesquieu (cf. Catalogue nº 1470). Conforme o levantamento das notas da tradução italiana (p. 40), as prováveis fontes dessa passagem são §14, à p. 233; §27, à p. 447; e §33, à p. 535. [N.T.]

os mares⁴¹. Saberíamos mais se tivéssemos o livro que Asclepiáde compôs, intitulado *A harmonia de todas as teologias*⁴².

Como o dogma da alma do mundo era quase universalmente reconhecido, e se considerava cada parte do universo como um membro vivo no qual essa alma era espalhada, parecia que era permitido adorar indiferentemente todas essas partes, e que o culto deveria ser arbitrário como era o dogma.

Eis de onde nasceu esse espírito de tolerância e doçura que reinava no mundo pagão: não havia risco de perseguir-se e separar-se uns aos outros. Todas as religiões, todas as teologias, lá eram igualmente boas; as heresias, as guerras e as disputas de religião lá eram desconhecidas; contanto que se fosse adorar no tempo, cada cidadão era pontífice máximo em sua família.

Os romanos eram ainda mais tolerantes que os gregos, que sempre estragaram tudo: todos sabem o infeliz destino de Sócrates.

É verdade que a religião egípcia foi sempre proscrita em Roma: é que ela era intolerante, queria reinar sozinha e estabelecer-se sobre os escombros das outras; de maneira que o espírito de doçura e de paz que reinava entre os romanos foi a verdadeira causa da guerra que lhes fizeram incessantemente. O senado ordenou a destruição dos templos das divindades egípcias; e Valério Máximo⁴³ relata, sobre esse assunto, que Emílio Paulo deu os primeiros golpes⁴⁴, a fim de encorajar por seu exemplo os trabalhadores, atingidos por um medo supersticioso.

Mas os sacerdotes de Serápis e de Ísis tiveram ainda mais zelo para instituir essas cerimônias que se teve em Roma para proscrevê-las. Embora Augusto, segundo o relato de Dion⁴⁵, tivesse proibido a sua prática em Roma, Agripa, que comandava a cidade em sua ausência, foi obrigado a proibi-la uma segunda vez. Podemos ver, em Tácito⁴⁶ e em Suetônio⁴⁷, os frequentes decretos que o senado foi obrigado a emitir para banir esse culto de Roma.

Deve-se notar que os romanos confundiram os judeus com os egípcios, como se sabe que eles confundiram os cristãos com os judeus: essas duas religiões foram por longo tempo percebidas como dois ramos da primeira, e compartilhavam com ela o ódio, o desprezo e a

⁴¹ *Deus pertinens per naturam cuiusque rei, per terras Ceres, per maria Neptunus, alii per alia, poterunt intelligi; qui qualesque sint, quoque eos nomine consuetudo nuncupaverit, hos deos et venerari et colere debemus.* [“Podemos perceber que um deus participa, por natureza, de todas as coisas, Ceres através da terra, Netuno através do mar, outras divindades através de outros lugares. Qualquer que seja a sua natureza e com qualquer nome se costume chamá-los, devemos venerar e cultuar esses deuses.” In: CÍCERO. *De natura deorum* II, 28, 71. Cf. *Sobre la naturaleza de los dioses*. Trad. Ángel Escobar. Madrid: Gredos, 1999, p. 217. Há algumas variações em relação ao texto original. – N.T.]

⁴² Referência a Asclepiádes de Mendes, que viveu entre os séculos I a.C. e I d.C. Cf. SÜETÔNIO. *Vita Caesarum, Divus Augustus* 94. Cf. *Lives of the Caesars, op. cit.*, p. 90. [N.T.]

⁴³ Liv. I, cap. III. [VALÉRIO MÁXIMO. *Facta et dicta memorabilia* I, 3, 4. Cf. *Hechos y dichos memorables: Libro Primero*. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires, 2014, p. 124-125. – N.T.]

⁴⁴ Variação: “*Valere Maxime raporte l’action d’Emilius Paulus qui apres un raport du senat qui ordonnoit qu’on abatit les temples des divinités égyptiennes, prit luy-meme une hache et donna les premiers coups*” (Valério Máximo relata a ação de Emílio Paulo que, após um relatório do Senado que ordenava que se destruísse os templos das divindades egípcias, pegou ele mesmo um machado e deu os primeiros golpes) [N.T.]

⁴⁵ Liv. XXXIV. [Na verdade, refere-se a DION CÁSIO. *Rhomaïke Historia* LIV, 6, 6. Cf. *Historia romana*. Trad. Juan Manuel Cortés Copete. Madrid: Gredos, 2011, p. 233. – N.T.]

⁴⁶ Vide TÁCITO. *Annales* II, 85. Cf. *Annali, op. cit.*, p. 183-184. [N.T.]

⁴⁷ Vide SÜETÔNIO. *Vitae Caesarum, Divus Augustus* 31 e 93. Cf. *Lives of the Caesars*. Trad. Catharine Edwards. Oxford: Oxford University Press, 2008, p. 60 e 90. [N.T.]

perseguição dos romanos. Os mesmos decretos que aboliram em Roma as cerimônias egípcias colocaram sempre as cerimônias judaicas com aquelas, como aparece em Tácito⁴⁸ e em Suetônio, nas vidas de Tibério e Cláudio⁴⁹. É ainda mais claro que os historiadores nunca distinguiram o culto dos cristãos dos outros. Não foi corrigido esse erro nem mesmo no tempo de Adriano, como aparece em uma carta que esse imperador escreveu do Egito ao cônsul Serviano: “Todos aqueles que, no Egito, adoram Serápis, são cristãos, e mesmo aqueles chamados bispos estão ligados ao culto de Serápis. Não há qualquer judeu, príncipe de sinagoga, samaritano, sacerdote dos cristãos, matemático, adivinho, massagista, que não adore Serápis. O próprio patriarca dos judeus adora indiferentemente Serápis e o Cristo. Essa gente não tem outro deus que Serápis; é o deus dos cristãos, dos judeus e de todos os povos.”⁵⁰ Pode-se ter ideias mais confusas sobre essas três religiões, e confundi-las mais grosseiramente?

Entre os egípcios, os sacerdotes formavam um corpo à parte, que era mantido às custas do público. Disso nasceram muitos inconvenientes: todas as riquezas do estado eram engolidas por um grupo de pessoas que, recebendo sempre e nunca retribuindo, atraía gradualmente tudo para si. Os sacerdotes do Egito, assim pagos para nada fazer, elanguesciam-se todos em uma ociosidade da qual tiravam apenas os vícios que isso produz: eram desordeiros, inquietos, intrépidos; e essas qualidades os tornavam extremamente perigosos. Enfim, um corpo no qual os interesses eram violentamente separados daqueles do estado tornara-se um monstro; e aqueles que o instituíram lançaram na sociedade uma semente de discórdia e de guerras civis. Não era a mesma coisa em Roma: fez-se do sacerdócio um cargo civil. As dignidades do áugure, do grande pontífice, eram magistraturas: aqueles que nelas eram investidos eram membros do senado, e por consequência não tinham interesses diferentes daqueles desse corpo. Bem longe de se servirem da superstição para oprimir a república, eles a empregavam utilmente para sustentá-la. “Em nossa cidade”, diz Cícero⁵¹, “os reis e os magistrados que os sucederam tiveram sempre um duplo caractere, e governaram o Estado sob os auspícios da religião.”

Os duúnviros tinham a direção das coisas sacras; os quidecênviros cuidavam das cerimônias da religião, guardavam os livros sibilinos; o que faziam precedentemente os decênviros e os duúnviros. Eles consultavam os oráculos quando o senado o ordenava, e faziam um relatório, adicionando-lhe o seu parecer; eles eram também encarregados de executar tudo o que era prescrito nos livros das sibilas, e de fazer celebrar os jogos seculares: de maneira que todas as cerimônias religiosas passavam pelas mãos dos magistrados.

⁴⁸ Hist. liv. II. [TÁCITO. *Annales* II, 85. Cf. *Annali, op. cit.*, p. 183-184 – N.T.]

⁴⁹ SUETÔNIO. *Vitae Caesarum, Tiberius* 36. Cf. *Lives of the Caesars, op. cit.*, p. 116; *Divus Claudius* 22 e 25. Cf. *Lives of the Caesars, op. cit.*, p. 182 e 184. [N.T.]

⁵⁰ *Illi qui Serapin colunt, christiani sunt; et devoti sunt Serapi, qui se Christi episcopos dicunt. Nemo illic archisynagogus Judaeorum, nemo Samarites, nemo christianorum presbyter, non mathematicus, non aruspex, non aliptes, qui non Serapin colat. Ipse ille patriarca (Judaeorum scilicet), cum Aegyptum venerit, ab aliis Serapin adorare, ab aliis cogitur Christum. Unus illis deus est Serapis: hunc Judaei, hunc christiani, hunc omnes venerantur et gentes.* (Flavius Vopiscus, in *vita Saturnini*. Vid. *Historiae augustae scriptores*, in-fol. 1620, p. 245 ; e in-8º. 1661, p. 959.)

⁵¹ *Apud veteres, qui rerum potiebantur, iidem auguria tenebant, ut testis est nostra civitas, in qua et reges, augures, et postea privati eodem sacerdotio praediti rempublicam religionum auctoritate rexerunt.* (De Divinatione, liv. I). [“Entre os antigos, aqueles que detinham o poder possuíam também a ciência augural, como atesta a nossa cidade, na qual os reis, que foram áugures, e, depois, os particulares investidos de mesmo sacerdócio, conduziram a república valendo-se da autoridade da religião.” In: CÍCERO. *De divinatione* I, 40, 89. Cf. *Sobre la adivinación. Sobre el destino. Timeo*. Trad. Ángel Escobar. Madrid: Gredos, 1999, p. 118-119. A citação possui algumas variações em relação ao original. – N.T.]

Os reis de Roma tinham uma espécie de sacerdócio: havia certas cerimônias que somente podiam ser realizadas por eles. Quando os Tarquínios foram expulsos, temeu-se que o povo percebesse alguma mudança na religião; isso fez estabelecer um magistrado chamado *rex sacrorum*, que, nos sacrifícios, realizava as funções dos antigos reis, e cuja mulher era chamada *regina sacrorum*⁵². Esse foi o único vestígio de realeza que os romanos conservaram entre si.

Os romanos tinham essa vantagem, que era ter por legislador o mais sábio príncipe do qual a história profana jamais falara⁵³: esse grande homem buscou durante todo o seu reinado apenas fazer florescer a justiça e a equidade, e não fez sentir menos sua moderação aos seus vizinhos do que aos seus súditos. Ele instituiu os feciais, que eram os sacerdotes sem cujo ministério não se podia fazer nem a paz nem a guerra. Havia ainda as fórmulas de juramentos feitas por esses feciais quando se concluía a paz com algum povo. Naquela que Roma concluiu com Alba, um fecial diz, em Tito Lívio: “Se o povo romano for o primeiro a rompê-la, *publico consilio dolove malo*⁵⁴, que ele roga a Júpiter para atingi-lo como ele vai atingir o porco que segurava em suas mãos”; e imediatamente ele o abate com um golpe de seixo.

Antes de começar a guerra, enviava-se um desses feciais para queixar-se ao povo que causara algum dano à república. Ele lhe dava um certo tempo para consultar-se, e para procurar os meios de restabelecer o bom entendimento. Mas, se se negligenciava a fazer o acordo, o fecial retornava e saía das terras desse povo injusto, após ter invocado contra ele os deuses celestes e os dos infernos: então o senado ordenava aquilo que ele acreditava justo e piedoso. Assim as guerras não eram empreendidas nunca às pressas, e elas somente podiam ser o resultado de uma longa e madura deliberação⁵⁵.

A política que reinava na religião dos romanos desenvolveu-se ainda melhor em suas vitórias. Se a superstição tivesse sido escutada, seriam levados aos vencidos os deuses dos vencedores: derrubariam seus templos; e, estabelecendo um novo culto, impor-lhes-iam uma servidão mais dura que a primeira. Fez-se melhor: a própria Roma submeteu-se às divindades estrangeiras, ela lhes recebe em seu seio; e, por esse laço, o mais forte que há entre os homens, ela atrelou a si os povos que a consideravam mais como o santuário da religião do que como a senhora do mundo.

Mas, para não multiplicar os seres, os romanos, a exemplo dos gregos, confundiram habilmente as divindades estrangeiras com as suas: eles encontravam em suas conquistas um deus que tivesse semelhança com algum daqueles que se adorava em Roma, adotavam-no, por assim dizer⁵⁶, dando-lhe o nome da divindade romana, e lhe concediam, se ousou servir-me dessa expressão, o direito de cidadania da sua cidade. Assim, quando encontravam algum herói famoso que expurgara a terra de algum monstro, ou subjugara algum povo bárbaro, eles lhe davam imediatamente o nome de Hércules. “Nós atravessamos até o Oceano, diz

⁵² Variação: “*et dont la femme était appelée regina sacrorum, qui, dans les sacrifices, faisait les fonctions des anciens rois*” (e cuja mulher era chamada *regina sacrorum*, que, nos sacrifícios, fazia as funções dos antigos reis) [N.T.]

⁵³ O rei Numa Pompílio, já mencionado anteriormente [N.T.]

⁵⁴ “Por deliberação pública ou de modo fraudulento”. A partir de TITO LÍVIO. *Ab urbe condita* I, 24. Cf. Cf. *Storie*. A cura di Luciano Perelli. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1974, v. I, p. 174-175. (N.T.)

⁵⁵ Cf. PLUTARCO. *Vida de Numa* 12, 7-8. Cf. *Vite*. A cura di Angelo Meriani e Rosa Giannattasio Andria. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1998, v. VI, p. 158-159. [N.T.]

⁵⁶ Variação: “*ainsi faut dire*” (assim se deve dizer) [N.T.]

Tácito, e lá encontramos as colunas de Hércules; seja porque Hércules lá esteve, seja porque atribuímos a esse herói todos os fatos dignos de sua glória.”⁵⁷

Varrão contou quarenta e quatro desses domadores de monstros; Cícero⁵⁸ contou somente seis, vinte e duas Musas, cinco Sóis, quatro Vulcanos, cinco Mercúrios, quatro Apolos, três Júpiteres.

Eusébio⁵⁹ vai mais longe: ele conta quase o tanto de Júpiteres que de povos.

Os romanos, que não tinham propriamente outra divindade que o gênio da república, não prestavam qualquer atenção na desordem e na confusão que lançavam na mitologia: a credulidade dos povos, que está sempre acima do ridículo e do extravagante, reparava tudo.

⁵⁷ *Ipsam quinque Oceanum illa tentavimus et superesse adhuc Herculis columnas fama vulgavit, sive adiit Hercules, sive quidquid ubique magnificum est in claritatem eius referre consensimus* [variação: *consuevimus*] (De moribus German. cap. XXXIV.) [TÁCITO. *Germania* XXXIV, 1-2. Cf. *Storie. Dialogo degli Oratori. Germania. Agricola*. A cura di Azelia Arici. 2. ed. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1970, p. 592-593. – N.T.]

⁵⁸ *De Natura Deorum*, liv. III. [CÍCERO. *De natura deorum* III, 16, 41-43. Cf. *Sobre la naturaleza de los dioses*. Trad. Ángel Escobar. Madrid: Gredos, 1999, p. 315-317. – N.T.]

⁵⁹ *Praeparatio evangelica*, liv. III. [EUSÉBIO DE CESAREIA. *Praeparatio evangelica* III. Cf. *Praeparatio evangelica*. Trad. E. H. Gifford. London: Oxford University Press, 1903. – N.T.]